

CLARICE LISPECTOR

a literatura em busca do outro

Nanami Sato *

Na literatura brasileira há um bom número de obras que tratam de migrantes e imigrantes: um rápido esforço de memória traz à lembrança uma lista aleatória da qual constam *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos; *Seara Vermelha*, de Jorge Amado; *Canaã*, de Graça Aranha, e obras mais recentes, como *A Majestade do Xingu*, de Moacyr Scliar, e *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum.

O migrante/ imigrante representa sempre o outro, o desconhecido, o diferente e, por isso, não raras vezes é motivo de estranheza, preconceito, rejeição. Poucas obras problematizam o tema da alteridade como faz Clarice Lispector em *A Hora da Estrela*, ao abordar a dificuldade que um escritor, Rodrigo S. M., assim como cada um de nós, tem de acercar-se do outro, de conhecê-lo, de ter verdadeira empatia por ele. A autora, de origem russa, deu um depoimento em 1975, nos seguintes termos:

“- Minha tolerância em relação a mim, como pessoa que escreve, é perdoar eu não saber como me expressar de um modo ‘literário’ (isto é, transformado na veemência da arte) a ‘coisa social’. Desde que me conheço, o fato social teve em mim importância maior do que qualquer outro: em Recife os mocambos foram a primeira verdade para mim.” (*Lispector*, 1975, p.19).

A Hora da Estrela prova que Clarice estava errada: por meio de um narrador que é, por sua vez, um escritor, ela conseguiu expressar “com veemência da arte” o doloroso esforço de criar uma personagem, a alagoana Macabéa, e contar suas fracas aventuras numa cidade feita contra ela. Rodrigo S. M., esse narrador-autor que é uma espécie de *alter-ego* de Clarice Lispector, revela as origens do impulso criador: “É que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina. Sem falar que eu em menino me criei no Nordeste.” (p.16)¹. Rodrigo S. M. prossegue: “O que escrevo é mais do que invenção, é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas.” (p. 18).

O impulso criador gera uma série de dúvidas e o narrador tem algumas poucas certezas: sua história não só será tradicional, com começo, meio e “gran finale”, como buscará uma linguagem cada vez mais simples, pois o material é “parco e singelo demais.” (p.19).

Sintomaticamente o narrador confessa que vai sensibilizar-se com essa história, que não é intelectual e que escreve com o corpo, como a lembrar-nos o esforço para desvestir-se de sua condição, pois produtores de literatura não costumam ser exatamente proletários e migrantes, como Macabéa, “que deveria ter ficado no sertão de Alagoas com vestido de chita e sem nenhuma datilografia, já que escrevia tão mal, só tinha até o terceiro ano primário.” (p.19-

20). A provável origem social de Rodrigo S. M. - um pequeno-burguês bem-intencionado - pode fornecer a explicação da culpa que se abate sobre ele, que se questiona: "Mas por que estou me sentindo culpado? E procurando aliviar-me do peso de nada ter feito de concreto em benefício da moça." (p.30). O narrador-autor confessa: "preciso falar dessa nordestina senão sufoco. Ela me acusa e o meio de me defender é escrever sobre ela." (p.22).

Se para o produtor a literatura tem essa função catártica, para o leitor ela tem outro papel. Rodrigo observa, sempre em expressões entre parênteses: "(Se o leitor possui alguma riqueza e vida bem acomodada, sairá de si para ver como é às vezes o outro. Se é pobre, não estará me lendo porque ler-me é supérfluo para quem tem uma leve fome permanente.)" (p.38). Em última análise, para ele a literatura é impotente para mudar a realidade social. A intervenção social da arte só será bem-sucedida se levar o leitor à experiência da alteridade, o que resulta em empatia, comunhão, solidariedade com o outro, com alguém "ralo" como Macabéa.

Apesar de uma postura aparentemente defensiva (o escritor constata, na página 28, que a pobreza é feia e promíscua), Rodrigo S. M. procura identificar-se com Macabéa e colocar-se no nível dela até na aparência. Para escrever sua história, deixa de fazer a barba durante dias, fica com olheiras escuras por dormir pouco e veste-se com roupa velha e rasgada. Por meio da escrita, ele espera atingir algum tipo de transcendência, isto é, procura transfigurar-se em outrem e materializar-se em objeto, já que o sair de si leva à objetivação, uma experiência que ele confessa achar assustadora.

Viver com a personagem faz com que ele a conheça nos mínimos detalhes; mais ainda, faz com que Macabéa até se grude na pele, "qual melado pegajoso ou lama negra." (p.27). Sair do restrito âmbito da própria subjetividade faz com que o narrador transite entre realidade e ficção, trocando de identidade com a alagoana. Quando visualiza sua personagem olhar-se no espelho, nele vê refletido apenas o próprio rosto cansado e barbudo, o que corrobora o fato de Macabéa ser apenas uma entidade ilusória, ficcional. O jogo de adesão entre narrador e personagem é, desta forma, relativizado, e pontua toda a obra. Para examiná-la, será útil recompor brevemente seus fatos principais.

A vida rala de Macabéa

Macabéa é incompetente para a vida. Nasceu raquítica, perdeu cedo os pais e foi criada por uma tia que lhe dava cascudos no alto da cabeça. Logo após chegar ao Rio de Janeiro, a tia lhe arrumou o emprego de datilógrafa e morreu. Ela passou então a dividir um quarto de pensão com quatro balconistas. Encardida, de poucos banhos, vestia uma combinação que tinha manchas suspeitas de sangue pálido. Ignorava "que ela era o que era, assim como um cachorro não sabe que é um cachorro." (p.34). Talvez por isso não se sentisse infeliz. Como ninguém ensina cachorro a abanar o rabo, ninguém precisou ensinar a Macabéa que ela um dia morreria "como se antes tivesse estudado de cor a representação do papel de estrela. Pois na hora da morte a pessoa se torna brilhante estrela de cinema." (p.36).

Passeava pelo cais, algumas vezes via vitrines, "só para se mortificar um pouco" (p.43), e tinha dois luxos: ir ao cinema uma vez por mês e pintar de vermelho as unhas das mãos, que roía até acabar com o esmalte. Todas as madrugadas ouvia baixinho um rádio emprestado por uma colega. Sintonizava a Rádio Relógio, que dava "hora certa e cultura". Adorava os anúncios comerciais, que colecionava na versão escrita, recortando-os de jornais velhos do escritório.

Num mês de maio, no final de um dia chuvoso, Macabéa e um rapaz olharam-se "e se reconheceram como dois nordestinos" (p.53). Ele aproximou-se, puxou conversa, perguntou-lhe o nome (que achou parecido com nome de doença de pele) e disse-lhe o seu: Olímpico de Jesus Moreira Chaves (mentiu, pois na verdade chamava-se Olímpico de Jesus, sobrenome dos que não têm pai). Paraibano de origem, operário de uma metalúrgica, Olímpico dormia de graça numa guarita em obras de demolição para economizar. Um assassinato "tinha feito dele homem com letra maiúscula." (p.56). Dono de um dente de ouro, era falante, ambicioso, adorava freqüentar velórios e nas horas vagas esculpia figuras de santo.

Olímpico e Macabéa passaram a encontrar-se, mas o namorado costumava desqualificá-la para reafirmar seu poder de macho, com o que ela se importava pouco: além de apaixonada, achava que não era "muito gente" (p.59).

O namoro tinha uma rotina morna: sentavam-se em banco de praça pública e apenas uma vez ele lhe pagou um cafezinho pingado. Outra vez foram ao Jardim Zoológico. Olímpico não tinha nenhum entusiasmo por Macabéa, mas, quando conheceu sua colega de escritório Glória, “sentiu logo que ela tinha classe.” (p. 71). Passou a não aparecer no ponto de ônibus e um dia desmanchou o namoro, contando que encontrara outra moça e que esta era Glória. Antes de ir embora ainda caprichou na humilhação: “- Você, Macabéa, é um cabelo na sopa. Não dá vontade de comer.” (p.73).

A reação de Macabéa foi inesperada: pôs-se a rir, talvez de nervoso, como intuiu Olímpico. Depois procurou viver como se não tivesse perdido nada. Comprou um batom vermelho e pintou os lábios como se fosse Marilyn Monroe, com quem desejava parecer-se.

Um dia, após receber o salário, procurou um médico barato indicado por Glória. Este diagnosticou uma tuberculose, mas, ao saber de sua dieta (café, refrigerante e cachorro-quente por pura falta de dinheiro), sugeriu que comesse espaguete quando não soubesse o que comer.

Com remorsos de ter tirado o namorado da amiga, Glória sugeriu que ela procurasse uma cartomante conhecida, madama Carlota. Foi a única vez que Macabéa tomou um táxi na vida. A cartomante, com o comentário: “- Mas, Macabeazinha, que vida horrível a sua!” (p.91), fê-la tomar consciência da miséria que era sua vida, mas consolou-a dizendo que um estrangeiro, de nome Hans, louro e rico, iria mudar sua vida. Ao sair da casa de madama Carlota, um carro Mercedes amarelo atingiu-a e fugiu. Caída, ela ainda pensou que aquele era o primeiro dia da nova vida anunciada pela cartomante. Em posição fetal, disse uma frase que ninguém entendeu antes de morrer: “- Quanto ao futuro.” (p.102).

Linguagem e silêncio

Por meio do narrador e de sua personagem, a obra coloca em cena duas questões relativas à linguagem: esta em suas relações com o ficcional e o real e como meio de expressão e de comunicação.

O discurso de Rodrigo S. M., um narrador que se conta ao mesmo tempo em que conta a história de Macabéa, desvenda para o leitor o

processo de criação ficcional. No entanto, esse narrador é também um ser fictício, composto de palavras apenas. Berta Waldman observa que ele “será então o mediador do dilaceramento de Clarice Lispector, empenhada sempre em tocar a realidade e traduzi-la literariamente, mas será também instrumento seu, isca, porque através dele a escritora se embrenhará na busca da não-palavra.” (Waldman, 1979, p. 66). A ensaísta lembra ainda que “o desdobramento do escritor internalizado na obra marca um processo de inversão que sugere que se o personagem pode ser autor, este pode também ser sua personagem.” (Idem, p.64). A figura de Rodrigo S. M. permite, pois, a Clarice Lispector assumir a condição de personagem que assiste, como se estivesse fora de si, ao espetáculo da escritura da obra, ao mesmo tempo em que reflete sobre o mistério da criação literária. Esse mistério leva o narrador a indagar:

“(... E eu que estou contando esta história que nunca me aconteceu e nem a ninguém que eu conheça? Fico abismado por saber tanto a verdade. Será que meu ofício doloroso é o de adivinhar na carne a verdade que ninguém quer enxergar?)” (p.69).

A função da literatura seria, assim, denunciar “a verdade que ninguém quer enxergar”. Rodrigo S. M., em outra passagem da obra, já havia declarado: “A moça é uma verdade da qual eu não queria saber. Não sei a quem acusar mas deve haver um réu.” (p.43).

Já oco da personagem, como confessa na página 33, o escritor chega, por meio de Macabéa, à razão de sua escrita:

“[Macabéa] Nunca pensara em ‘eu sou eu’. Acho que julgava não ter direito, ela era um acaso.” (...) Quanto a mim, só me livro de ser apenas um acaso porque escrevo, o que é um ato que é um fato.” (p.45).

Se a escrita confere identidade ao narrador, a Macabéa, sem consciência da própria identidade, faltam palavras. Por não ter o que dizer, era calada. Suzana Amaral, diretora da adaptação cinematográfica de *A Hora da Estrela*, lembra que “o maior problema da história de Macabéa é o problema da comunicação” (apud Guidin, 1996, p.96). Por incapacidade de comunicação e por falta de encantos – por ser magra, de cara estreita e amarela “como se já

tivesse morrido” (p.30), com ombros curvos e olhos enormes, saltados e interrogativos - ela perde o namorado para Glória, uma carioca feia, mas bem alimentada, cujo pai trabalhava num açougue.

Rádio e publicidade: o discurso do outro

Migrante, vinda da zona rural, ao contrário de Olímpico, a adaptação de Macabéa ao mundo urbano dá-se com dificuldade. Como mal tem corpo, sequer tem a possibilidade de ganhar a vida vendendo-o em troca de um bom jantar. Por ter o corpo rejeitado socialmente, Macabéa deixa de fazer parte de certos grupos sociais. A sociedade pune-a com a exclusão e, portanto, com solidão maior, só rompida pela voz do locutor da Rádio Relógio.

O contato de Macabéa com as palavras dá-se não só por meio da Rádio Relógio, como também dos anúncios de jornais, que na verdade ela não compreende plenamente. A Rádio Relógio dava curtos ensinamentos dos quais ela achava que poderia vir a precisar, embora jamais tivesse podido aplicar, por exemplo, a informação de que o homem que escreveu um livro chamado ‘Alice no País das Maravilhas’ era também um matemático. Consumidora de produtos culturais da mídia dirigidos a público de pouca ou média instrução, Macabéa ia uma vez por mês ao cinema ver filme de terror ou musicais. Também lia, sob o lençol de brim, à luz de vela, os anúncios que recortava dos jornais velhos do escritório e que colecionava, colando-os num álbum.

O anúncio que considerava mais precioso era o de um creme para pele de mulheres. Ela ficava imaginando que o creme era tão apetitoso que, se tivesse dinheiro para comprá-lo, ela o comeria. A publicidade a atingia pelo estômago, não pela fantasia da beleza.

A rala conversa entre a datilógrafa e Olímpico girava em torno de farinha, carne-de-sol, carne-seca, rapadura e melado. Como não conseguia expressar suas emoções e pensamentos, ela quebrava os momentos de silêncio com informações que ouvira na Rádio Relógio.

“-Mas puxa vida! Você não abre o bico e nem tem assunto!”

Então aflita ela lhe disse:

- Olhe, o Imperador Carlos Magno era chamado na terra dele de Carolus! E você sabia que a mosca voa tão depressa que se voasse em linha reta ela ia passar pelo mundo todo em 28 dias?

- Isso é mentira!

- Não é não, juro pela minha alma pura que aprendi isso na Rádio Relógio!

- Pois não acredito.” (p.68).

O discurso da rádio era sua salvação, pois fornecia assunto e permitia que ela se afirmasse diante de Olímpico, embora este desqualificasse sistematicamente seu esforço. Querer saber o significado de “élgebra” era “coisa de fresco” (p.61), a palavra mimetismo não era “coisa para moça virgem falar”. Querer saber demais não servia para nada, pois o Mangue estava “cheio de raparigas que fizeram perguntas demais.” (p. 67).

Os anúncios, que faziam parte do mundo de fantasia da alagoana, jamais eram objeto de conversa com Olímpico. Eles tinham força de verdade e ficavam restritos a seu universo privado, sem servir de elo de comunicação com Olímpico. A única vez em que falara de um anúncio fora em forma de pedido à tia para que lhe comprasse óleo de bacalhau para engordar. A resposta que ouvira fora: “você pensa lá que é filha de família querendo luxo?” (p.74). Como se pode observar, Olímpico e a tia tinham apenas o discurso da interdição e da desqualificação.

O discurso publicitário, com sua eficiência sedutora, é empregado também pela cartomante. Depois de dizer que ela iria perder o emprego após ter perdido o namorado, exclama:

“- Macabéa! Tenho grandes notícias para lhe dar! (...) É coisa muito séria e muito alegre: sua vida vai mudar completamente! E digo mais: vai mudar a partir do momento em que você sair da minha casa!”(p. 92).

Após anunciar que o chefe voltaria atrás em sua decisão e que Olímpico voltaria arrependido, muda bruscamente suas previsões, dizendo que dinheiro grande lhe entraria porta adentro trazido por um estrangeiro alourado, de nome Hans, que se casaria com ela. E completa: “ele vai lhe dar muito amor e você, minha enfeitadinha, você vai se vestir com veludo e cetim e até casaco de pele vai ganhar!” (p.93).

O silêncio dos bronzes

Crédula, Macabéa saiu feliz da casa da cartomante. Na calçada ficou um pouco aturdida, “pois sua vida já estava mudada. E mudada por palavras”. Ela sentia-se uma outra pessoa, “grávida de futuro.” (p. 95). Ao descer da calçada, um Mercedes amarelo pegou-a. Caída no chão, ao ver o carro em fuga, pensou que as predições de madama Carlota começavam a realizar-se, pois o carro era de luxo. Seduzida pelas palavras da cartomante, tornou-se noiva da morte. O carro amarelo foi o noivo louro e alemão e a estrela, símbolo da marca Mercedes, representou a “sua hora da estrela”.

O narrador indaga-se: “Ela sofria?”. E responde em seguida: “Acho que sim. Como uma galinha de pescoço mal cortado que corre espavorida pingando sangue. Só que a galinha foge (...) em cacarejos apavorados. E Macabéa lutava muda.”(p. 97). Quando ela disse, bem pronunciado e claro, “- Quanto ao futuro.”, Rodrigo S. M. indagou-se: acaso ela teria tido saudade do futuro? Nessa mesma hora ela sentiu um enjôo e vomitou sangue antes de expirar.

O narrador-escritor questiona-se:

“Qual foi a verdade de minha Maca? Basta descobrir a verdade que ela já não é mais: passou o momento. Pergunto: o que é? Resposta: não é.” (p.102).

A verdade é fugaz e inapreensível e a morte é o silêncio, é o bronze dos sinos sem som:

“Morta, os sinos badalavam mas sem que seus bronzes lhes dessem som. Agora entendo esta história. Ela é a iminência que há nos sinos que quase-quase badalam.

A grandeza de cada um.” (p. 103).

A linguagem não conduz à apreensão da verdade de Macabéa e seu silêncio tornou-se maior com a morte. A questão da linguagem na obra da autora leva-nos, no limite, a um impasse, como lembrou Benedito Nunes ao tratar de *Perto do coração Selvagem*:

“Mas se os indivíduos tornam-se pessoas e, premidos pela grande inquietação que aguilhoa os personagens de Clarice Lispector, tentam sair do inautêntico para iniciar a busca de si mesmos, a linguagem se transforma numa barreira oposta à comunicação.”(Nunes, 1969, p. 131).

Em *A Hora da Estrela*, temos, ao contrário, uma personagem autêntica que, “por pior que fosse sua situação, não queira ser privada de si, ela queria ser ela mesma.”(p. 40). Em sua simplicidade, Macabéa é um ser sem fissuras, que existe “no espaço paradisíaco onde os seres participam do núcleo das coisas, espaço que se mostrou impossível para as outras personagens de Clarice Lispector.” (Waldman, 1979, p. 68).

Por essa razão, a personagem pode ser aproximada ao animal e à natureza. Sua incapacidade de expressão relaciona-se com a incapacidade de manipular uma linguagem fundada na convenção. O preço da autenticidade foram a solidão e a miséria para as quais a literatura não tem solução prática, o que faz o narrador queixar-se (“Juro que nada possa fazer por ela. Afianço-vos que se eu pudesse melhoraria as coisas.”- p.43) e protestar: “através dessa jovem dou o meu grito de horror à vida. À vida que tanto amo.” (p.41).

A ele juntamos nosso grito.

* *Nanami Sato, licenciada em Letras e doutora em Educação pela USP, é Prof^a. da Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Antonio Teixeira de
(2000) *O rádio e a publicidade no cotidiano de Macabéa: Clarice Lispector e algumas observações sobre a recepção de mensagens radiofônicas e publicitárias.*
<www.intercon.org.br/papers/xxiii-ci/gt16/gt16a8.pdf>
- GUIDIN, Márcia Lígia
(1996) *Roteiro de leitura: A hora da estrela de Clarice Lispector.* São Paulo, Ática.
- LISPECTOR, Clarice
(1975) *Selecta.* Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro/ MEC.
- LISPECTOR, Clarice
(1981) *A hora da estrela.* 6^a ed. Rio de Janeiro, José Olympio.
- NUNES, Benedito
(1969) *O dorso do tigre.* São Paulo, Perspectiva.
- WALDMAN, Berta
(1979) *Armadilha para o real: (uma leitura de A Hora da Estrela, de Clarice Lispector).* In: Vários autores. *Ficção em debate e outros temas.* São Paulo: Duas Cidades; Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1979.